



André Toldo Lima
toldo.andre@gmail.com

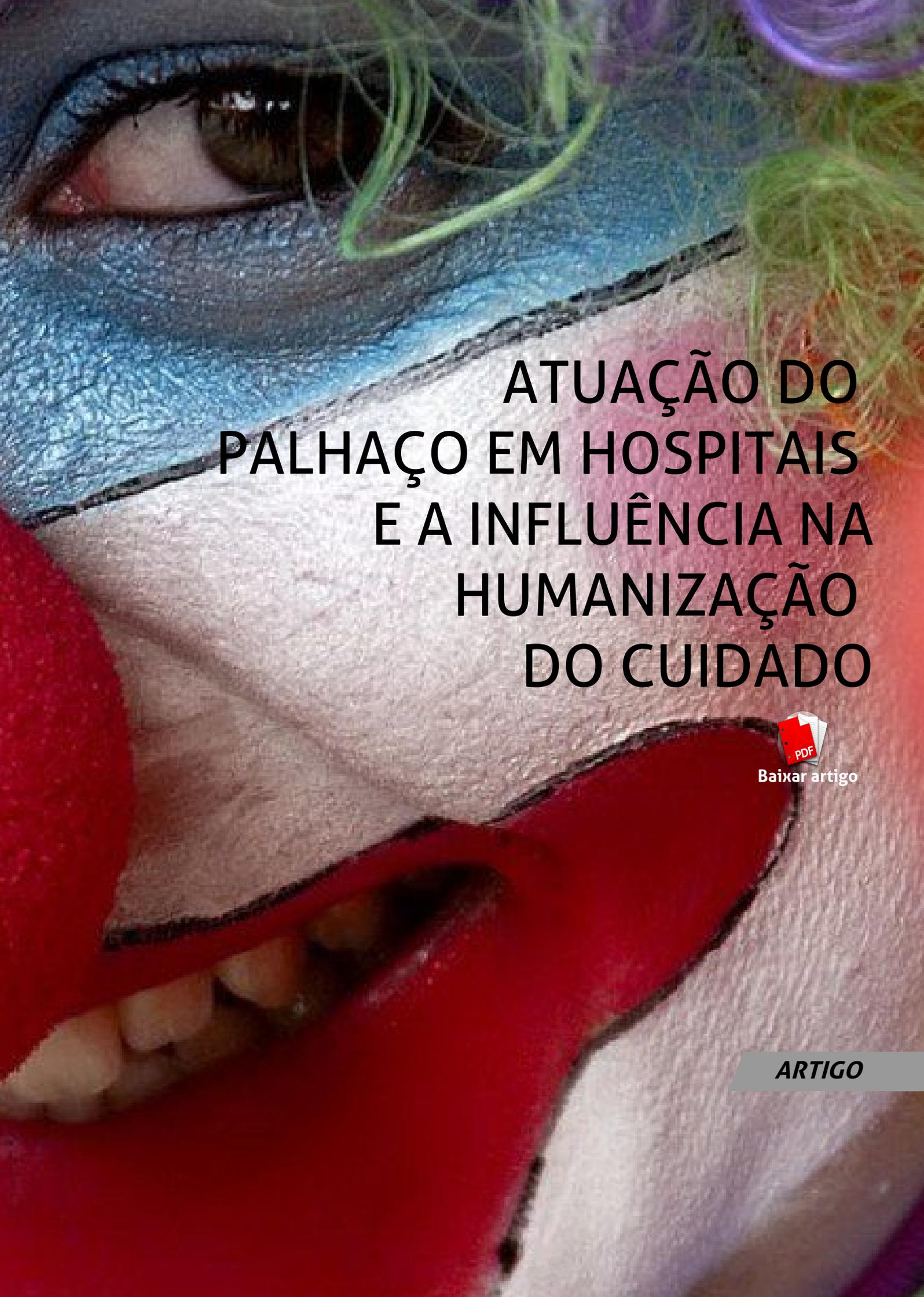
Psicólogo pela Universidade São Judas Tadeu, SP.

Jackeline Adorno Vieira
jackyadorno@hotmail.com

Psicóloga pela Universidade São Judas Tadeu, SP.

Danuta Medeiros
danutamedeiros@gmail.com

*Psicóloga, Doutora em Saúde Pública pela
Universidade de São Paulo (USP), professora
orientadora da presente pesquisa*



ATUAÇÃO DO PALHAÇO EM HOSPITAIS E A INFLUÊNCIA NA HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO



Baixar artigo

ARTIGO

RESUMO

O presente estudo objetivou verificar a influência na humanização do ambiente hospitalar através do lúdico utilizado por doutores palhaços. Tratou-se de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, onde participaram quatro palhaços atuantes em hospitais da região metropolitana de São Paulo. Foram acompanhadas cinco visitas destes palhaços junto aos pacientes hospitalizados. Os dados coletados foram analisados através da Análise de Conteúdo e discutidos a partir da abordagem psicodinâmica. Os resultados apontaram para o uso do humor e o amparo, atuações que ajudam na humanização. Baseados na Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (PHN) salientamos a importância deste tipo de atuação e sua eficácia no atendimento ao paciente adulto.

Palavras-chave: Humanização. Lúdico. Hospital. Palhaço.

ABSTRACT

This study aimed to verify the influence in humanizing the hospital environment through the action of clowns with adult patients. This is a qualitative field research, attended by four clowns who work at hospitals in the metropolitan region of São Paulo. Five visits these clowns were accompanied along the hospitalized. The collected data were analyzed using content analysis and discussed from the psychodynamic approach. The results pointed to the use of humor and support, actions that humanize patients. Based on the National Policy on Humanization of the National Health System (PHN), we emphasize the importance of this type of action and its effectiveness in the care of the adult patient.

Keywords: Humanization. Playful. Hospital. Clown.

INTRODUÇÃO

Quando o indivíduo é hospitalizado há uma ruptura em seu cotidiano, a partir desse momento ele tem que seguir novas normas e horários, sendo muitas vezes tratado pelos profissionais da saúde de forma mecanicista, levando ao rompimento da individualização. Assim o indivíduo deixa de ser ativo, passa por mudanças que geram sentimentos negativos, sofrimento psíquico, e podem até mesmo agravar sua saúde (Beuter & Alvim, 2010). Segundo Giuliano, Silva & Orozimbo (2009), o adoecer por si só já causa sofrimento psíquico, podendo gerar sentimento de impotência e fazer com que a pessoa entre em contato com realidades que ela evita pensar, como a finitude e o morrer.

A Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (PHN), criada há treze anos pelo Ministério da Saúde, visa à diminuição dessa angústia e minimizar a perda da individualidade. A PHN tem como objetivos:

(1) enfrentar desafios enunciados pela sociedade brasileira quanto à qualidade e à dignidade no cuidado em saúde; (2) redesenhar e articular iniciativas de humanização do SUS e (3) enfrentar problemas no campo da organização e da gestão do trabalho em saúde que têm produzido reflexos desfavoráveis tanto na produção de saúde como na vida dos trabalhadores (Pasche, Passos & Hennington, 2011).

Espera-se que esse cuidado humanizado seja ofertado por todos os profissionais da saúde, porém desde a graduação, esses profissionais acabam focando-se na cura de doenças, e quando não conseguem realizar esse trabalho também se sentem impotentes e fracos, precisando distanciar-se do paciente para que consigam prosseguir com seu ofício (Kuhn, Lazzari & Jung, 2011). Então quem pode oferecer esse tratamento humanizado para o paciente? Se o ser humano é um ser biopsicossocioespiritual, apenas o cuidado mecanicista com o paciente bastaria?

Desde o tempo de Hipócrates os palhaços trabalham em hospitais (Araújo & Guimarães, 2009); um dos pioneiros deste trabalho na modernidade foi o Doutor Patch Adams, médico americano que em 1985 começou a atuar como palhaço no hospital acreditando que ao interagir com amor, humor e alegria os pacientes se beneficiariam biologicamente, além de tornar o tratamento mais humanizado (Rodrigues & Nunes Filho, 2013), Utsunomiya, Ferreira, Oliveira, Arai & Basile, 2012).

Já no Brasil, pode-se localizar oficialmente a inserção dos palhaços no hospital a partir do ano de 1991. Em 1988, o ator Wellington Nogueira, morando na época nos Estados Unidos, teve a experiência de integrar o grupo Clown Care Unit, que já realizava visitas a Hospitais. Voltando ao Brasil em 1991, começou a atuar desta forma no Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, e criou no mesmo ano um projeto intitulado Doutores da Alegria; a partir de então, projetos similares começaram a surgir em vários estados brasileiros. Dez anos depois já existiam no Brasil mais de 180 grupos de palhaços atuando em hospitais, e também o interesse da criação desses grupos em várias instituições de ensino na área da saúde, com o intuito de oferecer aos futuros profissionais da área conceitos de humanização em Hospitais. A inserção do palhaço representa a quebra da ordem, retira por alguns instantes o peso de um ambiente que lida com temas tão sérios e trabalham com a parte saudável do paciente, as visitas dos palhaços são uma estratégia complementar de humanização, sendo eficaz independentemente da faixa etária do paciente (Giuliano, Silva & Orozimbo, 2009).

O brincar é um tipo de manifestação do lúdico. Segundo Oliveira, Ramos, Lucena, Santos, Bezerra, Loureiro,... Viana (2012), o lúdico é uma atividade constituída por elementos que transitam entre realidade e fantasia. Os autores consideram outros tipos de lúdico no processo de cuidar, não se restringindo apenas a jogos e brincadeiras, também se considera a comunicação verbal e não verbal, a atenção dedicada ao paciente, a escuta, olhar e gestos.

No geral o lúdico melhora a expectativa do paciente, e os palhaços utilizam dessa técnica para romper com a rotina do hospital. Costa, Figueiredo & Schaurich (2009) apontam que a política de humanização aos hospitais traz maior bem estar e acelera o processo de recuperação, diminuindo assim o tempo de internação e reduzindo custos.

Deve-se considerar que, em busca de trabalhos que analisaram atendimentos hospitalares com palhaços em bases de dados científicas ¹, no dia 23 de março de 2016, a partir dos verbetes “palhaços” e “hospital”, encontraram-se apenas trinta e um (31) artigos produzidos por brasileiros, no período de 2000 a 2016. Destes, seis (6) tratavam da técnica do palhaço em si, vinte e um (21) eram voltados ao atendimento de crianças e adolescentes no hospital, outros três (3) abordavam o atendimento na enfermaria com adultos e crianças. Assim, somente um (1) artigo era totalmente dedicado ao paciente adulto e outro (1) dedicado a visitas asilares (adultos e/ou idosos). Este resultado indica uma área de pesquisa que anseia por novos dados e interpretações, especialmente voltados para adultos e idosos.

Deste modo, a análise da atuação do palhaço com o lúdico e da sua eficácia na humanização do cuidado com pacientes adultos, pode ajudar a divulgar esse trabalho e trazer importantes reflexões de sua eficácia, contribuindo assim para que novas estratégias de atuação sejam utilizadas. Diante do exposto, este estudo objetivou verificar a influência da humanização no ambiente hospitalar através do lúdico utilizado pelos palhaços.



MÉTODO

Para realização desse estudo foram observadas as atuações de quatro palhaços em um hospital público da região metropolitana de São Paulo/SP, entre os meses de junho e agosto de 2016, totalizando cinco (5) visitas à instituição. Tratou-se de uma amostra por conveniência, com a participação de palhaços de ambos os sexos, idade entre 22 a 46 anos, e que atuavam há no mínimo seis (6) meses como voluntários em hospitais. As visitas foram realizadas apenas em atendimentos com adultos. Através das observações foram analisadas as atuações dos palhaços no ambiente hospitalar, assim como as reações dos pacientes adultos durante essas visitas.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade São Judas Tadeu (CAEE: 55569516.2.0000.0089). Vale ressaltar que todos os procedimentos éticos foram respeitados, sendo aprovado o acompanhamento dos pesquisadores pela direção do hospital e tendo cada participante consentido sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados, os pesquisadores acompanharam o grupo de palhaços em visitas, observando como o palhaço atua no hospital e quais alterações ocasionadas por sua presença nesse ambiente. Os pesquisadores foram neutros na dinâmica do acompanhamento, não interferindo em nenhum momento. Após as observações os pesquisadores relataram em um diário de campo suas impressões sobre as atuações, que auxiliaram na discussão dos dados. As visitas duraram em torno de duas horas e quarenta minutos, ao todo foram observados os atendimentos de cento e dezoito (118) pacientes e cento e vinte e dois (122) acompanhantes.

Os resultados das observações dos pesquisadores foram analisados através da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), e discutidos segundo a abordagem psicodinâmica. A Análise de Conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática, qualitativa e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Tal técnica de investigação considera necessário, inicialmente, o tratamento descritivo dos conteúdos das mensagens, passando-se em um segundo momento à dedução lógica sobre a questão estudada. Assim o percurso da Análise de Conteúdo vai da descrição à interpretação, passando pelas inferências possíveis, mediante análise criteriosa efetuada.

A análise baseou-se na pesquisa de Marques, Sousa, Vizzotto & Bonfim (2015), onde os autores transcreveram as entrevistas, reconheceram unidades de significação simples, palavras, e frequência em que apareciam, buscando avaliar o significado das palavras de maneira independente ao contexto, palavras que transmitissem uma mensagem. Assim, os dados obtidos foram organizados e analisados mediante a categorização das informações colhidas, sendo analisadas as observações com auxílio do diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram acompanhados quatro palhaços que se revezavam no atendimento da instituição hospitalar observada, sendo apenas um fixo (nesse estudo esses participantes serão nomeados como A1, A2, A3 e A4 de modo a preservar suas identidades).

A partir das observações foram encontradas duas categorias temáticas para melhor discussão da atuação do palhaço, sendo possível reconhecer diferentes unidades de significado para cada categoria temática (conforme Quadro 1).

Humor/Chiste	Amparo
Brinquedo	Adesivo
Características do Paciente / Palhaço	Motivos da Internação
Piadas/ Charadas	Vivências e Experiências
	Melhoras/Expectativas de Alta

Quadro 1. Unidades de significado segundo categorias temáticas em relação à atuação dos palhaços

Atendimento com o Humor/Chiste

Freud ([1905] 1996) em seu texto “Os chistes e sua relação com o inconsciente” discorre sobre as situações onde o chiste se dá diferenciando-o do cômico. Para o autor, no cômico existe a hipótese do indivíduo rir por si e de si, sem a necessidade de outra pessoa, enquanto o chiste, por excelência prescinde de outro participante. O prazer do chiste é, portanto, sempre voltado ao outro, assim há um talento que vai além da inteligência em si, quanto à capacidade de se produzir um chiste que cause riso ao outro.

Nesse contexto, é possível analisar os palhaços, e no presente trabalho, especificamente os que atuam em hospitais. Sob o personagem “doutor-palhaço”, este se permite através do estranhamento que provoca no outro um acesso à possibilidade de ser engraçado; o erro e a confusão que pratica quando está atuando faz com que o paciente acabe dando acesso à sua técnica humorística, receba seus diagnósticos e chistes sem sentido, e se coloque numa posição de empoderamento (Sato, Ramos, Silva, Gameiro & Scatena, 2016), relação muitas vezes inconcebível no tratamento médico em si.

Ao humor, Freud no seu artigo com o mesmo nome ([1927] 1996), salienta a característica rebelde e não resignada que o mesmo tem, além da sua qualidade nobre, elevada e digna. O humor nesse sentido é o único que produz esta elevação e nobreza, comparado ao chiste. O chiste e o humor contribuem ao cômico, sendo que o primeiro se dá através do inconsciente e o segundo através da intervenção do superego. O indivíduo utilizaria o humor para melhor lidar ante a realidade muitas vezes cruel, colocando-se momentaneamente numa posição de superioridade e elevação, como se nada realmente importasse; sua essência é poupar o gasto do sentimento e o transformar em prazer humorístico. Para o autor o mesmo indicaria uma recusa do ego em afligir-se ante as provocações da realidade, buscando ainda a obtenção do prazer; é o “triunfo do narcisismo” e “invulnerabilidade do ego” (Freud, [1927] 1996, p.100). Freud vai além, afirmando que o humor é um recurso não patológico na busca que o ego faz pela rejeição das reivindicações da realidade e da efetivação do princípio do prazer. Há, portanto, um conforto por parte do superego ao ego intimidado ante às exigências da realidade (Freud, [1927] 1996).

Na presente pesquisa foi possível observar que os palhaços interagem com humor utilizando de diferentes meios: brinquedos, características pessoais ou dos pacientes, ou ainda através de piadas e charadas.

Os palhaços possuem **brinquedos** que fazem parte de sua atuação. Durante o atendimento eles usam desses brinquedos para aumentar o entrosamento com o paciente ou para ajudar em alguma piada. Também levam pequenos brinquedos, que são distribuídos após alguns atendimentos. Dos atendimentos observados em que foram utilizados esses brinquedos destaca-se uma atuação de A1, que conseguiu encerrar uma pequena discussão entre irmãos. Musa & Malerbi (2013) relacionam as técnicas lúdicas que os palhaços fazem com a diminuição, mesmo que momentânea, do medo e ansiedade do hospitalizado; o paciente ao participar deste “faz de conta” exercita sua capacidade de reinventar seu mundo, além de proporcionar divertimento e relaxamento. Há também aumento de interação entre os pacientes, visitantes e equipe; a postura do palhaço e suas brincadeiras tira o medo do ridículo, e mostra também a vulnerabilidade do ser humano.

Com a intenção de interagir com o paciente ou seus familiares/acompanhantes, os palhaços muitas vezes utilizam **características pessoais** destes, procurando enaltecer qualidades ou então usar como recurso de humor. Neste sentido é válida a aparência física, ou mesmo dados pessoais, como quantidade de filhos ou netos, idade ou do lugar onde nasceram. Para exemplificar momentos em que os palhaços utilizaram características enaltecendo o atendido, pode-se destacar uma situação em que o palhaço A1 elogia a cor dos olhos de um senhor dizendo que o paciente deveria fazer muito sucesso na juventude e o paciente demonstrou gostar do elogio. Outra maneira de obter o riso dos atendidos se refere a comentários que os palhaços fazem a respeito deles mesmos ou então de outro palhaço que está no mesmo ambiente, utilizando este recurso principalmente em situações onde os pacientes demonstram maior timidez ao interagir ou reserva em falar de si. É possível citar um atendimento onde o palhaço comparou sua beleza à de um ator famoso do cinema ou em outra situação, onde os palhaços brincaram a respeito da estatura de um dos integrantes da equipe, fazendo piadas a respeito. Conforme Ferreira (2013), o indivíduo, a partir do momento que assume a identidade do palhaço através da sua maquiagem e acessórios característicos, torna-se um transgressor dos valores vigentes, expondo-se como ser humano; faz de sua inadequação, do ridículo e fraqueza formas de desviar os olhares do outro das exigências de padrões vigentes. Esta liberdade ante o que se é esperado socialmente permite uma atuação imprevisível por parte do palhaço; podendo ir do terno ao rebelde, do alegre ao triste em questão de segundos, sem chocar o expectador. E a partir daí são quebradas as barreiras do expectador, que se mostra propenso ao transporte, mesmo que momentâneo, do alívio que o riso promove.

Embora nas demais unidades de significado do uso de **piadas**, charadas e afins também tenham sido apresentadas, devem-se apontar algumas situações em que tornaram-se protagonistas da interação. Foram observadas situações onde os palhaços se diziam especialistas em charadas, e perguntavam a resolução destas para os pacientes, a maioria com conteúdo ingênuo ou sem lógica muito aparente. Morais (2008), ao fazer sua leitura do livro de Freud dedicado ao chiste (1905), indica que pelo raciocínio do autor o chiste é estruturado no inconsciente e por este motivo torna-se trânsito para que algo de seu conteúdo recalado muitas vezes venha à tona, protegido pelo humor que o chiste intenciona; uma brincadeira de faz-de-conta que pode até conter algo de verdadeiro no conteúdo, mas que o sujeito ao qual a piada é endereçada, desconsiderada em prol da descarga de tensão que o riso oferece.

Além do Humor, outro tipo de atuação utilizada pelos palhaços foi o amparo, que está relacionado com o acolhimento. Segundo Moura, Guimarães & Luz (2013) o acolhimento faz parte da Política Nacional de Humanização; são realizados por encontros, onde o paciente pode ser visto como indivíduo com suas particularidades. Tais encontros possibilitam abertura ao profissional da saúde, podendo afeta-lo positivamente.

O acolhimento também é entendido como a aceitação das pessoas como são, com suas fraquezas e inseguranças que são ampliadas no ambiente hospitalar. Esses pacientes tem a necessidade de ser escutados e compreendidos para que seu sofrimento seja amenizado, devendo-se considerar fatores subjetivos e inconscientes que estão agindo no paciente em relação à experiência do adoecer. Há a importância de um agente catalisador de processos de humanização no ambiente hospitalar, que realize esse cuidado por meio do diálogo e da atenção; cita para este fim o psicólogo (Junqueira, 2003). Considera-se a presença do palhaço nesse processo, e há possibilidade de alusão, na sua forma ao lidar com os pacientes, visitantes e profissionais de saúde, ao que Winnicott conceitua como Holding:

A noção de holding na teoria winnicottiana é de extrema importância para o manejo clínico e o holding é compreendido como sustentação: sustentar determinadas experiências ao longo de um tempo sem interromper a experiência do paciente. Significa oferecer um ambiente/setting que sustente e permita o processo de integração do sujeito (Januário & Tafuri, 2010, p.62).

A interação através do amparo e acolhimento pode ser observada também de diferentes modos: através da utilização de adesivos, de questionamentos sobre os motivos da internação, vivências e experiências trazidas pelos pacientes, ou ainda em relação à melhoras e/ou expectativas de alta hospitalar.

Cada palhaço leva consigo duas ou mais cartelas de **adesivos**. Eles costumam dar aos pacientes muito debilitados, para aqueles que demonstram ansiedade em receber a alta ou ainda que farão em breve uma cirurgia importante. Os adesivos são sempre colados em um objeto pessoal do paciente para que ele possa levar caso mude de quarto. Os palhaços dizem que os adesivos são para ajudar na cura e alguns pacientes os relacionam com crenças religiosas. Kupermann (2010), afirma que para a psicanálise freudiana, a religião é uma tentativa de uso de mecanismos de defesa mais primitivos, de idealização narcísica de escapar da angústia gerada por sua condição de desamparo.

Essa idealização é responsável pela criação ilusória de uma divindade onipotente, esta que teria a capacidade de esclarecer qualquer questão, estabelecer a moral e oferecer proteção. Já o humor oferece a “desidealização”, demonstrando assim, ser uma ferramenta eficaz, pois não alimenta a arrogância tecnicista e impede pensamentos impostos pela idealização. Diferentemente, Duarte & Wanderley (2011), apontam a religião e a espiritualidade como recurso de enfrentamento e alento ante as dificuldades que os pacientes apresentam no ambiente hospitalar, uma forma de acolhimento que eles encontram. Nesta direção, levar em consideração sua religião também significaria prestar um atendimento humanizado.

Muitos pacientes preferem falar de suas **vivências** fora do contexto da internação. Sentem a necessidade de falar de seus parentes, das ocupações profissionais ou mesmo de coisas mais corriqueiras. Esse tipo de interação parece retirar o paciente daquela situação temporária de internação. Entre os vários casos, destaca-se uma senhora que começou a falar de seu falecido esposo desde quando o conheceu, detalhando toda a trajetória até o falecimento do mesmo, sendo acolhida pelos palhaços atentamente. Giuliano, Silva & Orozimbo (2009), falam da importância da presença da família e de profissionais da saúde, no período de internação do paciente, pois é necessário que esse indivíduo possa compartilhar sua dor, e assim amenizar a solidão do adoecimento. Possibilitando receber um cuidado de individualidade, dando liberdade para que possa contar e se recordar de si fora do ambiente hospitalar. Se esse cuidado for oferecido pelos profissionais da saúde, também haverá um fortalecimento de vínculo, fazendo com que esse período de adoecimento não seja tão árduo para o paciente.

Pacientes recém-chegados ao hospital, ou os que estão no aguardo de algum procedimento cirúrgico, tendem a querer contar os **motivos de sua internação**. Os palhaços não costumam focar nesses relatos a doença, preferindo conduzir o diálogo para a cura e outros assuntos, limitando-se a tratar da doença quando não é motivo grave ou em situações onde a alta é iminente. Durante as observações foi possível notar que alguns pacientes demonstraram a necessidade de falar do motivo da sua internação, após o relato demonstravam-se mais aliviados, e nestas situações os palhaços evitavam piadas, acolhiam os pacientes, os consolando e apostando em uma recuperação rápida. Segundo Caires, Esteves, Correia & Almeida (2014) (citando Valladares e Carvalho, 2006), com o lúdico os palhaços neutralizam os fatores negativos da doença, dando também a oportunidade de escape para o paciente; também é visto como um trabalho de prevenção, fazendo com que a experiência de internação no hospital seja melhor e não cause traumas.

No mesmo âmbito do quesito anterior, pacientes com maior tempo de internação tendem a comentar, ou mesmo exibir para os palhaços suas melhoras. Da mesma forma, comentam quanto suas **expectativas ao recebimento da alta médica**. Neste caso há tanto a angústia e ansiedade pela demora na liberação (nos casos de internações mais longas), quanto à alegria em contar que estão finalizando sua passagem pelo hospital, suas expectativas quando retornar a casa e às rotinas cotidianas. Para Marinho, Santos, Pedrosa, & Lucia (2005) a forma com que o paciente concebe sua vida está relacionada com a maneira que ele lida com o adoecimento e a expectativa de cura. Ao saber do seu adoecimento, o paciente age com enfrentamento ou evitação, de ambas as formas há um comprometimento emocional. Os pacientes que possuem crença e expectativa de cura apresentam maior motivação para a vida; o que faz com que o mesmo apresente aderência ao tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações do trabalho de palhaços no contexto hospitalar mostraram que através do lúdico é possível realizar um trabalho de humanização para pacientes adultos internados, lhes devolvendo parte de sua individualização: dando espaço para que o paciente possa falar de si, utilizando de brinquedos e piadas para fazer o paciente rir em um momento sofrido de sua vida e dando a esse o poder de recusa ao atendimento.

Os palhaços se demonstraram sensíveis às demandas dos pacientes, utilizando humor e amparo, inicialmente distinguindo qual é a melhor abordagem para cada paciente e assim utilizando dos recursos de cada paciente para lhe ajudar a ter uma melhor expectativa de tratamento e cura. Os pacientes aceitaram bem e também participaram das brincadeiras, dando espaço para “o brincar” e esquecendo por alguns instantes o ambiente em que estavam. Notou-se que alguns pacientes sentiam-se melhores apenas pelas visitas, principalmente em datas festivas.

Comparando a Política Nacional de Humanização do sistema Único de Saúde (PHN), e as observações de atendimento, conclui-se que é possível a humanização de pacientes adultos hospitalizados através do lúdico. Entende-se ser de grande relevância outros trabalhos desse segmento que possam comparar os dados observados com a visão do palhaço atuante.

NOTA

1 - Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>), Scielo (<http://www.scielo.br/>) e BVSAúde (<http://brasil.bvs.br/>).

REFERÊNCIAS

- Araújo, T. C. F. de, & Guimarães, T. B. (2009). Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: Um estudo sobre os "palhaços-doutores." *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 632–647. doi:10.12957/epp.2009.9072
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (Edições 70 ed.). Lisboa.
- Beuter, M., & Alvim, N. A. T. (2010). Playful expressions in hospital care on the view of nurses. *Escola Anna Nery*, 14(3), 567–574. doi:10.1590/S1414-81452010000300019
- Caires, S., Esteves, C. H., Correia, S., & Almeida, I. (2014). Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF*, 19(3), 377–386. doi:10.1590/1413-82712014019003001
- Costa, S. C., Figueiredo, M. R. B., & Schaurich, D. (2009). Humanização em Unidade de Terapia Intensiva Adulto (UTI): compreensões da equipe de enfermagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(1), 571–580. doi:10.1590/S1414-32832009000500009
- Duarte, F. M., & Wanderley, K. da S. (2011). Religião e Espiritualidade de Idosos Internados em uma Enfermaria Geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 49–53. doi:10.1590/S0102-37722011000100007
- Ferreira, A. L. R. (2013). Transgressão na máscara do palhaço. *Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas*, 1(1). Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/view/3039>
- Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. VIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). O humor In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Giuliano, R. C., Silva, L. M. dos S., & Orozimbo, N. M. (2009). Reflexões sobre o "brincar" no trabalho terapêutico com pacientes oncológicos adultos. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(4), 868–879. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400016
- Januário, L. M., & Tafuri, M. I. (2010a). A relação transferencial com crianças autistas: Uma contribuição a partir do referencial de Winnicott. *Psicologia Clínica*, 22(1), 57–70. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100004
- Junqueira, M. de F. P. da S. (2003). A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: Um relato de experiência. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 193–197. doi:10.1590/s1413-294x2003000100022
- Kuhn, T., Lazzari, D. D., & Jung, W. (2011). Vivências e sentimentos de profissionais de enfermagem nos cuidados ao paciente sem vida. *Rev. bras. enferm*, 64(6), 1075–1081. Recuperado de <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=626565&indexSearch=ID>
- Kupermann, D. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia Clínica*, 22(1), 193–207. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100012
- Marinho, R. F., Santos, N. O., Pedrosa, A. F., & Lucia, M. C. S. (2005). Crenças relacionadas ao processo de adoecimento e cura em pacientes renais crônicos. *Psicologia Hospitalar*, 3(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092005000200005
- Marques, F. D., Sousa, L. M., Vizzotto, M. M., & Bonfim, T. E. (2015). A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 415–427. doi:10.1590/1807-03102015v27n2p415
- Moraes, M. B. L. (2008). Humor e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*. 114–124. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100014&lng=pt&tlng=pt
- Moura, M. M. D. de, Guimarães, M. B. L., & Luz, M. (2013). Tocar: Atenção ao vínculo no ambiente hospitalar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17(45), 393–404. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832013005000011&script=sci_abstract&tlng=es
- Mussa, C., & Malerbi, F. E. K. (2013). O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados. *Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. ISSN 1413-4063*, 21(1), 77–97. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/13584>
- Oliveira, F. M., Ramos, E. F. A.S., Lucena, R. F., Santos, F. P. de M., Bezerra, S. A., Loureiro, J. N. C., ... Viana, P. W. D. (2012). Recuperação imediata pelo riso: uma experiência clown. *Rev. Ciênc. Ext.*, 8(3), 75–85. Recuperado de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/711
- Pasche, D. F., Passos, E., & Hennington, É. A. (2011). Cinco anos da política nacional de humanização: Trajetória de uma política pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4541–4548. doi:10.1590/s1413-81232011001200027
- Rodrigues, A. F. de A., & Nunes Filho, W. J. (2013). A utilização do palhaço no ambiente hospitalar. *ouvirOUver*, 9(1), 72–81. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/28127>
- Sato, M., Ramos, A., Silva, C. C., Gameiro, G. R., & Scatena, C. M. da C. (2016). Palhaços: Uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. *Payasos: Una revisión sobre el uso de esa máscara en el ambiente hospitalario. Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(56), 123–134. doi: 10.1590/1807-57622015.0178
- Utsunomiya, K. F., Ferreira, E. A. G., Oliveira, A. M., Arai, H. T., & Basile, M. A. (2012). MadAlegria – Palhaços de hospital: Proposta multidisciplinar de humanização em saúde MadAlegria – hospital clowns: Multidisciplinary approach for health humanization. *Rev Med*, 91(3), 202–8. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/viewFile/58984/61969>